
Aquisição tardia da Libras e teoria histórico-cultural: a educação e a inclusão de surdos

Libras late acquisition and historical-cultural theory: the deafs education and inclusion.

Lindomar Lindolfo Steffen

Jane Peruzo Iacono

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

Cascavel – Brasil

Resumo

O objetivo do artigo é compreender, à luz da teoria histórico-cultural, os fatores que levam à aquisição tardia da libras e as consequências para a vida do surdo, relativas à sua educação e inclusão social. Caracteriza-se como estudo bibliográfico, com abordagem qualitativa; os resultados revelam que o surdo pode encontrar obstáculos na aquisição da língua de sinais, tanto na família como na escola. Os fatores são falta de conhecimento da língua de sinais pelos pais, professores e sociedade; aceitação da surdez pelos pais; compreensão da surdez como doença; questões econômicas; intensidade da surdez; insuficiência de políticas públicas na área de aquisição da libras e de investimentos na formação de professores e intérpretes. As consequências negativas são atraso no desenvolvimento da língua, na constituição da identidade do surdo e no acesso ao conhecimento escolar e à cultura.

Palavras-chave: Aquisição tardia da libras; Teoria histórico-cultural; Educação e inclusão escolar.

Abstract

This paper goal is understanding by the cultural-historical theory displayed the reasons which make the brazilian sign language be delayed acquired and those consequences in the deaf lives liked with thier education and social. It's known as a bibliographic study with qualitative approach; the results show that the deaf might have hurdles in the sign language acquisition, both in the family and at school. The grounds are the knowledge sign language lack by parents, teachers and society; defness agreement by parents; defness understanding as a disease; financial issues; depth defness; public policies weakness in the libras acquisition subjects and in teachers and interpreters preparing. The negative effects are language development delays, in the deaf identity compose and in school knowledge and culture access.

Keywords: Brazilian sign language delayed acquisition; Cultural-historical theory; Education and school inclusion.

Aquisição tardia da Libras e teoria histórico-cultural: a educação e a inclusão de surdos

Introdução

Este estudo, oriundo de dissertação de mestrado em Educação, tem o objetivo de compreender, à luz da teoria histórico-cultural, os fatores que levam à aquisição tardia da libras e as consequências desse fenômeno para a vida da pessoa surda, especialmente com relação à sua educação e ao seu processo de inclusão escolar. Objetiva, ainda, compreender o conceito de aquisição tardia da libras no bojo da problemática maior do desenvolvimento humano e nas suas raízes históricas, ressaltando-se que, para Pino (2000, p. 48):

A questão da *história* é fundamental porque nos remete à matriz que constitui o contexto do pensamento de Vigotski. É o caráter histórico que diferencia a concepção de desenvolvimento humano de Vigotski das outras concepções psicológicas e lhe confere um valor inovador [...]. História é entendida por Vigotski de duas maneiras: em termos genéricos, significa ‘uma abordagem dialética geral das coisas’; em sentido restrito, significa ‘a história humana’ (grifos do autor).

Entender a história humana implica compreender que não é a natureza biológica que guia a conduta humana, que guia seu processo de formação, mas que cada homem se constitui como humano na medida em que se apropria do legado do conjunto dos seres humanos produzido ao longo da história, por exemplo, as próprias condições materiais para a sobrevivência.

Segundo Dala Santa e Baroni (2014), o materialismo histórico-dialético é entendido como o método mais coerente de leitura da realidade em seu desenvolvimento histórico, sendo, para Vigotski, uma importante ferramenta na tarefa de estabelecer um modelo científico de estudo dos fenômenos psíquicos, o que revolucionou a forma como a psicologia, desde então, compreende o homem na constituição de seu psiquismo, observando seu comportamento e a determinação de sua história de vida e do meio social em que está inserido.

Assim, buscar contribuições para esta pesquisa na teoria histórico-cultural tem o objetivo de analisar e estudar o conceito de aquisição tardia da libras do ponto de vista linguístico, numa concepção dialética de linguagem que se fundamenta nos pressupostos vigotskianos, nos aspectos histórico, cultural e social, para extrair a máxima compreensão de seu significado e, portanto, do alcance que essa compreensão pode permitir para a elucidação das consequências de adquirir a língua de sinais de forma tardia para a vida dos surdos, o que implica, diretamente, na sua vida e em seu processo de inclusão.

Aquisição da linguagem

Para compreender como ocorre o processo de aquisição tardia de uma língua e, mais especificamente, da Libras, faz-se necessário compreender a diferença entre Língua e Linguagem. Assim, buscam-se essas definições em Quadros e Karnopp (2007, p. 24), que perguntam:

Mas, o que exatamente é língua? Qual a diferença entre língua e linguagem? As pessoas freqüentemente usam a palavra linguagem numa variedade de sentidos: linguagem musical, linguagem corporal, linguagem das abelhas, entre outras possibilidades.

Segundo Vigotski (2019, p. 165), “A linguagem é considerada como parte da vida social da criança” e “[...] origina-se a partir da necessidade de comunicar-se e pensar; o pensamento e a comunicação aparecem como resultado da adaptação às complexas condições de vida” (p. 175) e são determinantes para a constituição e desenvolvimento do psiquismo do ser humano. A linguagem é a porta de entrada para as relações sociais; por meio da linguagem, expressamos nosso pensamento, construímos relações e desenvolvemos a cognição.

Segundo Borges e Salomão (2003), linguagem corresponde a uma das habilidades especiais e significativas dos seres humanos e deve ser compreendida como um sistema de sinais de duas faces, o significante e o significado. Segundo os autores:

O significante refere-se ao aspecto formal da linguagem, e é constituído pela junção hierárquica dos elementos - fonemas, palavras, orações e discurso. Os fonemas integram palavras, as palavras combinam-se em orações, e as orações se enquadram no discurso. O significado, por outro lado, refere-se ao aspecto funcional da linguagem, considerado como o responsável pela comunicação no meio social (Luque & Villa, 1995). (BORGES; SALOMÃO, 2003, p. 327).

Nesse sentido, ressalta-se a assertiva de Nader (2011, p.72), de que “a significação (criação e uso de signos) é a atividade mais fundamental do homem, aquela que o diferencia dos animais do ponto de vista psicológico e viabiliza a transformação do mundo e a recriação permanente das condições de existência humana”.

Faz-se necessário, ainda, visitar o conceito de linguística para melhor compreender os conceitos de língua e linguagem. Segundo Ferreira (1986, p.1.036), “linguística. [Do fr. Linguistique] S. f. A ciência da linguagem e, em particular, da linguagem articulada [...]”. De acordo com Saussure (1995, p.11), “A Linguística propriamente dita [...] nasceu do estudo das línguas românicas e das línguas germânicas”. O autor complementa:

A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se tratar de povos selvagens ou de nações civilizadas, de

Aquisição tardia da Libras e teoria histórico-cultural: a educação e a inclusão de surdos

épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta, e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão (SAUSSURE, 1995, p. 13).

E Saussure (1995), também, pergunta:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. [...] Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; [...] ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. [...] a língua constitui algo adquirido e convencional [...]. (SAUSSURE, 1995, p. 17).

Com relação à palavra linguagem, Quadros e Karnopp (2007, p. 24) afirmam que a utilizam “[...] para significar o sistema linguístico que é geneticamente determinado para desenvolver-se nos humanos” e que os seres humanos podem utilizar uma língua de acordo com a modalidade de percepção e produção dessa língua, como: modalidade oral-auditiva (português, francês, inglês etc.) ou modalidade visoespacial (língua de sinais brasileira, língua de sinais americana, língua de sinais francesa etc.) e questionam: “Mas, como definir língua e linguagem? Como distinguir língua de outros sistemas de comunicação?” (p. 24). Respondem afirmando que, para o vocábulo inglês *language*, no português, são encontrados dois vocábulos: língua e linguagem, e que

[...] a diferença entre as duas palavras está correlacionada, até certo ponto, com a diferença entre os dois sentidos da palavra inglesa *language*. A palavra linguagem aplica-se não apenas às línguas, português, inglês, espanhol, mas a uma série de outros sistemas de comunicação, notação ou cálculo, que são sistemas artificiais e não naturais. Por exemplo, em português a palavra linguagem é usada com relação à linguagem em geral e a palavra língua aplica-se às diferentes línguas. O vocábulo linguagem, em português, é mais abrangente que o vocábulo língua, não só porque é usado para se referir às linguagens em geral, mas também porque é aplicado aos sistemas de comunicação, sejam naturais ou artificiais, humanos ou não. (QUADROS; KARNOPP, 2007, p. 24).

Quanto à função da linguagem, Saussure (1995) afirma:

[...] não está provado que a função da linguagem, tal como ela se manifesta quando falamos, seja inteiramente natural, isto é: que nosso aparelho vocal tenha sido feito para falar, assim como nossas pernas para andar. Os linguistas estão longe de concordar nesse ponto. Assim, para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso que e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas [...]. (SAUSSURE, 1995, p. 17).

Assim, considera-se bastante pertinente essa assertiva de Saussure – apoiado em Whitney – de que se deve ao acaso e à comodidade o fato de usarmos o aparelho vocal como

instrumento da língua, já que poderíamos ter escolhido o gesto e o uso de imagens visuais em lugar de imagens acústicas. Talvez seja o momento de o homem desconstruir suas arraigadas certezas de que as línguas têm apenas o aparelho vocal como instrumento de expressão, na direção de considerar, cada vez mais, o gesto como esse instrumento linguístico.

E, lembrando que a própria língua é uma forma de linguagem, Zilio (2012) assegura, com relação a sistemas de linguagem utilizados pelos seres humanos, que se pode citar a linguagem do trânsito – a qual não pode ser considerada uma língua, mas pode facilmente ser entendida como linguagem. A autora afirma, ainda, que acredita ser crucial abordar o fato de a língua de sinais um dia ter sido considerada linguagem de sinais e que foi somente em 1960, pela primeira vez, que essa forma de comunicação foi avaliada como língua, por Stokoe, que a considerou como língua natural, complexa e com gramática independente. (ZILIO, 2012).

Pizzio e Quadros (2011, p. 47) afirmam que “Estudar crianças que não têm input [linguístico] ou que têm input mínimo é difícil, devido à inexistência destes casos. No caso específico da criança surda, infelizmente, estes casos podem ainda ser encontrados”, e que os casos mais extremos de estudos realizados envolvem crianças que foram privadas de qualquer forma de input durante todo o período de aquisição e que, nesses casos, as crianças também apresentam problemas de ordem cognitiva, perceptual e de privação social.

Trata-se dos casos de crianças selvagens, como Victor de Aveyron, e de outras, que cresceram sem contato humano, o que, segundo Pizzio e Quadros (2011, p. 48), “[...] têm evidenciado que a privação completa de INPUT durante os primeiros anos de vida deixa seqüelas sérias no desenvolvimento da linguagem” (grifos das autoras). Banks-Leite e Galvão (2000), na obra “A Educação de um Selvagem: as experiências pedagógicas de JEAN ITARD”, apresentam os relatórios sobre o menino Victor de Aveyron, elaborados pelo médico Jean Marc Gaspar Itard, em 1801 e 1806. Esses relatórios mostram o quanto pode ser extremamente prejudicial para o processo de aprendizagem e desenvolvimento de uma criança, quando ela é privada de adquirir uma língua por meio da qual possa se comunicar e interagir socialmente e que seja um instrumento do pensamento, ou seja, uma língua por meio da qual essa criança possa pensar, aprender e se desenvolver. Sem essa língua, todo esse processo é dificultado, inclusive suas possibilidades de inclusão social. Há que se realizar um longo e amplo trabalho para compensar a perda que representa a aquisição tardia de uma língua.

Aquisição tardia da Libras e teoria histórico-cultural: a educação e a inclusão de surdos

Assim, com relação à aquisição da linguagem na educação de Victor, ressalta-se que Itard desenhou seu programa de desenvolvimento vocal a partir do que Victor já possuía, que era produzir determinados sons por imitação a partir do princípio de que o que se discrimina também se reproduz, considerando que Victor já reconhecia e reproduzia pelo menos uma vogal e que “com isto se começa a integrar à base fisiológica e psicológica da pesquisa de Itard o componente semiótico da audição/produção de fala, isto é, a resposta (do sistema nervoso) a elementos com valor e intenção comunicativos” (LUIS, 2000). Assim, as questões contidas no Relatório sobre Victor, elaborado por Itard em 1801, eram: “[...] o selvagem fala? Se não é surdo, por que não fala?” (BANKS-LEITE; GALVÃO, 2000, p. 153). E a resposta vem por meio do próprio Relatório sobre Victor, quando Itard afirma:

[...] não basta para falar, perceber o som da voz; cumpre ainda apreciar a articulação desse som; duas operações bem distintas e que exigem, da parte do órgão, condições diferentes. Basta, para a primeira, certo grau de sensibilidade do nervo acústico; é preciso, para a segunda, uma modificação especial dessa mesma sensibilidade. (BANKS-LEITE; GALVÃO, 2000, p. 154).

Segundo Lima Júnior (2013), o treinamento linguístico de Victor se mostrou muito frustrante para Itard, pois, primeiro, Victor precisou aprender de onde os sons da fala se originam, para então poder produzi-los e reconhecê-los. Com treinamento, ele aprendeu a diferenciar sons da fala de outros sons ao seu redor e depois aprendeu a repetir a frase “oh Dieu” (ó Deus), que era utilizada por Madame Guérin, e a palavra “lait”. No entanto, Itard percebeu que Victor utilizava a palavra várias vezes quando recebia leite, mas:

[...] não com um sentido comunicativo, i.e. pedindo leite. Victor ainda aprendeu a reconhecer comandos orais para tarefas rotineiras de casa. Itard tentou expandir a capacidade linguística de Victor por meio de cartões coloridos com as letras do alfabeto. Victor primeiramente aprendeu a palavra “leite” e utilizava seus cartões para pedir leite em algumas visitas que fazia com Itard, mas o pesquisador nunca soube se eram realmente pedidos por leite ou se Victor estava apenas mostrando seu “novo brinquedo”. (LIMA JÚNIOR, 2013, p. 230-231).

Além de Victor de Aveyron, há vários outros casos de crianças abandonadas ou privadas da convivência humana e da aquisição da linguagem quando pequenas, duas condições que são determinantes na formação humana. Por exemplo, Chelsea, Isabelle, Helen Keller, Genie, Oxana, Edik, Pedro e João e, além desses casos, Crystal (2010), citado por Lima Júnior (2013), “[...] lista outros 47 ocorridos entre 1344 e 1970, entre eles os também famosos casos de Amala e Kamala, na Índia, e de Kasper Hauser, na Alemanha”. (LIMA JÚNIOR, 2013, p. 229).

O conceito de aquisição tardia da libras

Também na aquisição das línguas de sinais, vários estudos têm se debruçado na “aquisição tardia” e isso acontece, segundo Pizzio e Quadros (2011), porque há uma incidência significativa de crianças surdas com pais ouvintes que não adquirem a língua de sinais no período comum de aquisição da linguagem.

Libras é a língua de sinais utilizada pelos surdos brasileiros e, segundo Zilio (2012), em cada país, utiliza-se uma língua de sinais diferente. Por exemplo, a língua argentina de sinais, na Argentina; a língua boliviana de sinais, na Bolívia; a língua equatoriana de sinais, no Equador. Zilio (2012, p. 37) afirma: “Notando que me referi, nos exemplos, a três países de língua espanhola, é crucial entender que línguas de sinais não são dependentes das línguas orais faladas no país de origem. Elas são línguas naturais dos surdos, não foram idealizadas a partir da língua oral”. Para Zilio (2012, p. 37), essa questão é descrita muito bem por Sacks (2010), quando o autor trata sobre:

[...] a história dos surdos, destacando consequências do Congresso de Milão, de 1880, que proibiu a utilização da língua de sinais nas instituições de ensino de surdos, mas não teve eficácia, pois nunca os surdos deixaram de se comunicar naquela língua que, para eles, sempre foi a forma mais dinâmica e natural de comunicação.

Essas questões demonstram a importância do acesso à libras pelas crianças surdas brasileiras o mais cedo possível; além disso, há o compromisso que a educação brasileira deve ter com essa questão desde a Educação Infantil, para que esse processo de aquisição linguística não fique atrasado.

Adquirir uma língua é fundamental a todo ser humano e ocorre por meio das relações sociais, bem como do contato com os adultos nos primeiros anos de vida da criança, no interior da família. No caso da surdez, a maioria dos surdos é privada desse processo de interação social para a aquisição da língua, pois, ao serem percebidos com uma disfunção sensorial auditiva, os surdos, muitas vezes, tomam outro caminho, que não inclui aprender a língua de sinais. Segundo Martins (2018), o isolamento linguístico, que tem início na família, continua quando eles chegam à escola e não encontram condições de desenvolvimento da linguagem, o que pode comprometer seu processo de aprendizagem dos conteúdos e, certamente, seu processo de inclusão.

Muitos surdos, ao serem diagnosticados com surdez, passam, ainda na infância, a viver um isolamento comunicativo, pois é pouco provável que aprendam a língua oral imposta pelo

Aquisição tardia da Libras e teoria histórico-cultural: a educação e a inclusão de surdos

ouvinte e, também, não lhe é ofertada a possibilidade de aprender a língua de sinais, no caso do Brasil, a Libras. Esse processo de negação ou de omissão, quanto à oferta ao surdo da língua de sinais, pode ter como consequência a aquisição tardia da língua de sinais pelo surdo (MARTINS, 2018). Para demonstrar os prejuízos que podem ser causados à vida dos surdos, se houver insistência no ensino da oralidade e se eles forem privados da aquisição de sua língua de sinais, Silva (2015) afirma:

Mesmo que a criança surda receba próteses auditivas ou implantes cocleares e participe de um programa intensivo de reabilitação auditiva, a língua oral terá de ser ensinada sistematicamente, ensino que requer tempo que equivale há anos. Sem a língua de sinais, esses anos passam sem a criança internalizar os conceitos das coisas e acontecimentos à sua volta, apenas fazendo o esforço para repetir sons, o que levará a um atraso visível na linguagem percebido até mesmo por leigos (SILVA, 2015, p. 277).

Para Vigotski (2019), todas as crianças – sejam ouvintes, surdas ou com outra deficiência – podem ter acesso ao conhecimento produzido e acumulado pelo homem ao longo da história, por meio das interações sociais e usando a linguagem como ferramenta. Para o autor, a aprendizagem e o desenvolvimento estão interligados desde o primeiro dia de vida da criança e, nesse sentido, a aquisição de uma língua é fundamental à criança para seu desenvolvimento cognitivo. Assim, mesmo que Vigotski não tenha tratado especificamente da aquisição da língua de sinais, ressalta a importância da aquisição de uma língua como meio de desenvolvimento cognitivo.

Segundo Nader (2011, p.77), não é um trabalho simples definir aquisição tardia de uma língua, pois “[...] algo é tardio em relação a alguma outra coisa, que se supõe normal ou frequente”. Para a autora (NADER, 2011), as pesquisas neurocientíficas demonstram que uma pessoa acometida de lesão neurológica pode recuperar-se, pois a adaptação que ocorre por meio desses processos de regeneração neuronal acarreta a diminuição dos efeitos da lesão, inclusive para as pessoas surdas. Esses processos de regeneração podem ocorrer tanto em crianças quanto em adultos; contribuem para a superação de barreiras linguísticas e, de forma análoga, “[...] nos levam cada vez mais a acreditar que, mesmo tardia, a aquisição de uma língua é fundamental para o desenvolvimento cognitivo de sujeitos surdos” (p. 31). Ou seja, as capacidades humanas de adaptação e superação são possíveis por mais profundos que possam ser os danos auditivos, pois:

[...] é o contato com outras formas de expressão – incluindo mesmo os gestos caseiros, a interação nos mais diversos círculos sociais e a aquisição de uma língua – que vai possibilitar a reorganização plástica. Em outras palavras, as atividades sociais, intersubjetivas e “externas” têm uma influência epigenética no desenvolvimento

cerebral e cognitivo, isto é, promovem mudanças na arquitetura neuronal, possibilitando o estabelecimento de novas conexões e de novos modos de funcionamento (NADER, 2011, p. 31, grifos da autora).

As reflexões de Nader (2011) sobre a interação dos surdos nos mais diversos círculos sociais e a aquisição de uma língua demonstram a importância da teoria histórico-cultural para a compreensão da concepção que se tem sobre a surdez, o surdo e seu processo educacional, pois Vigotski nos mostra a importância da interação social e da aquisição de uma língua para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores de todas as pessoas.

De acordo com Nader (2011), a criança precisa ser interpretada pela mãe por meio do choro, do olhar, dos balbucios, dos gestos, havendo a necessidade desse primeiro contato com a língua dos adultos como forma de inserção no mundo por meio da apropriação dos significados. Para isso, “A criança tem que transpor as fronteiras da sensorialidade para chegar ao plano das representações simbólicas por meio da internalização dos signos, para ter acesso à cultura” (NADER, 2011, p. 72).

Nader (2011) enfatiza que essa primeira forma de comunicação (o choro, o olhar, os balbucios, os gestos), mesmo que rudimentar, é importante tanto para crianças ouvintes quanto para os surdos, definindo esse primeiro contato com a mãe ou outras pessoas como “sistemas caseiros idiossincráticos”, limitados quanto à formação de significados, pois:

[...] não permitem, por exemplo, a comunicação de um sujeito surdo fora de seu círculo social mais próximo. Uma língua, ao contrário, é partilhada por uma comunidade que ultrapassa as fronteiras familiares. A LIBRAS, sendo uma língua natural, assim como as línguas orais, é capaz de oferecer todos os recursos de que o sujeito necessita para seu desenvolvimento cognitivo pleno. (NADER, 2011, p. 129).

Justifica essa questão, afirmando que, para Vigotski e seus seguidores, a aquisição da linguagem, bem como o desenvolvimento cognitivo, estão diretamente vinculados à relação com o outro (NADER, 2011). Embasada na teoria histórico-cultural, afirma que o desenvolvimento linguístico e cognitivo ocorre principalmente pelas interações sociais, e toda pessoa – surda ou ouvinte – tem o direito, mesmo que tardiamente, de adquirir uma língua, pois isso significa seu acesso ao mundo cultural. Afirma, ademais, que a criança “[...] transpõe os limites da percepção sensorial quando pode ver a realidade pela contraposição de um signo (ou representação simbólica) com sua imagem mental” (NADER, 2001, p. 72) e

Aquisição tardia da Libras e teoria histórico-cultural: a educação e a inclusão de surdos

que a internalização de signos ocorre pelo intercâmbio com o meio cultural, que fica gradativamente mais intenso pela apropriação de aspectos da cultura.

Assim, esse primeiro contato, mesmo que ainda incipiente, é importante para a criança surda, mas limitado para sua inclusão efetiva no mundo simbólico, pois isso depende de outros fatores, como a determinação da interação social. Por fim, a língua de sinais pode ser aprendida em qualquer etapa da vida, porém, é importante que essa aprendizagem possa iniciar o mais cedo possível.

Fatores que levam à aquisição tardia da libras

Segundo Nader e Novaes-Pinto (2011), são diversos os motivos que ocasionam a aquisição tardia da língua de sinais, tornando-se algo comum entre os surdos. As autoras apontam questões, como: - aceitação da surdez pelos pais; - compreensão da surdez como doença pela equipe médica; ter nascido ou ficado surdo, posteriormente; questões econômicas; a intensidade da surdez, entre outros. Todos esses fatores contribuem para a negação da surdez e atraso no processo de aquisição da língua de sinais. De acordo com Nader e Novaes-Pinto (2011, p. 932):

A aquisição tardia é, portanto, frequente no caso da surdez, pois engloba tanto o surdo que passa anos insistindo no aprendizado da fala sem qualquer êxito, quanto o surdo que demora anos a ser diagnosticado, bem como aquele de poder aquisitivo desfavorável, que nunca teve acesso a uma instituição que o oriente, à terapia, ou ao contato com outros surdos, que lhe possibilitariam o aprendizado da língua de sinais. Sendo assim, por demorarem a assumir uma identidade, atrasam também a opção por uma língua. Com frequência, desenvolvem uma gestualidade caseira com seus familiares mais próximos que, muitas vezes, garantem apenas sua sobrevivência (os gestos se restringem às necessidades básicas, referentes a comer, beber, dormir, etc.).

É muito frequente, também, que pais ouvintes ignorem a surdez dos filhos por anteciparem algo ruim: uma deficiência ou anormalidade, o que serve como justificativa para o fato de os pais demorarem a procurar alguma forma de atendimento ou informação, resultando, principalmente, no atraso da aquisição linguística (NADER; NOVAES-PINTO, 2011). Ou, ainda, esse processo de exclusão que começa em casa pode se estender por anos na escola, quando o surdo, sem possuir uma via compreensível de comunicação e sem contato com seu par linguístico (o outro, surdo), fica isolado de atividades e interação, continuando o processo de exclusão iniciado no meio familiar.

Nader e Novaes-Pinto (2011) discutem sobre as consequências da aquisição tardia de uma língua (tanto de sinais como oral) no processo de desenvolvimento cognitivo, no

aprendizado simbólico da língua e nas restrições das relações sociais, tratando sobre a existência de duas formas de abordar o tema surdez: - abordagem linguística voltada aos estudos da língua e formação identitária; e - abordagem médica pela qual a surdez é uma patologia, uma deficiência, algo que deve ser curado e normatizado. (NADER; NOVAES-PINTO, 2011).

Há uma expressiva diferença na aquisição da língua entre filhos surdos de pais surdos e filhos surdos de pais ouvintes. Os primeiros são inseridos em sua língua materna precocemente pelos próprios pais, enquanto os segundos dependem de outras questões, como: quando a surdez foi descoberta; se ocorreu de forma congênita ao nascer ou após alguns anos. Segundo Nader e Novaes-Pinto (2011, p. 933), o atraso no diagnóstico e “o contato tardio com uma língua geralmente se constitui como uma experiência mal-sucedida”. As autoras observam que, mesmo privados de uma língua de sinais oficial, os filhos surdos de pais ouvintes desenvolvem gestos, expressões e movimentos, quando, em contato principalmente com a mãe, tentam expressar algo.

Nader e Novaes-Pinto (2011, p.934) afirmam que a língua materna dos surdos, filhos de pais ouvintes, não é apenas o português oral, mas, sim, “[...] todos os elementos de estruturação simbólica proporcionados pelo contato entre mãe ouvinte e filho surdo, sejam eles provindos da língua falada pela mãe ou decorrentes de gestos, expressões faciais, movimentos corporais que a criança realiza” e têm como finalidade colocar a criança surda no funcionamento da língua. Ressalta-se a afirmação de Lima Júnior (2013, p.236), de que “[...] até hoje não foi registrado um caso sequer de um indivíduo que não conseguisse adquirir nada de uma L1 ou L2 por ter começado em certa idade e que mesmo nos casos de crianças isoladas, todos conseguiram adquirir pelo menos um pouco da língua”. Isso demonstra a importância da educação, do ensino e de intensos processos interativos para potencializar a aquisição de uma língua.

A pesquisa de Nader (2011) aponta que, em cidades do interior, é frequente que o diagnóstico de surdez ocorra tardiamente e a intervenção aconteça em um intervalo distante do diagnóstico. Devido a esse fator, em alguns casos, o acesso à língua de sinais pelo surdo só é possível após os 20 anos de idade. A vida do surdo é totalmente modificada por conta do diagnóstico tardio, da demora na implementação de programas de intervenção e inserção da

Aquisição tardia da Libras e teoria histórico-cultural: a educação e a inclusão de surdos

língua de sinais, bem como da ausência de políticas públicas que alcancem as cidades, inclusive as do interior dos estados da federação e do país como um todo.

Nesse sentido, é importante mencionar uma questão muito atual, que é a aprovação recente da Lei n.º 14.141/2021, que altera a LDBEN n.º 9.394/1996, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021), assegurando:

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021).

Ressalta-se, no entanto, que, mesmo com essa nova lei, não há como não haver um certo ceticismo quanto à sua implementação – criar escolas bilíngues para surdos e formar professores para tal –, se não houver um significativo aporte de recursos financeiros, tendo em vista a crescente diminuição desses recursos nos últimos anos, pois, sem eles, não há formação de professores para ensinarem libras e não haverá novas escolas para se tornarem escolas bilíngues.

Outro ponto evidenciado por Nader (2011) é o fato do surdo que, em sua vida cotidiana, não faz uso de nenhuma língua – especialmente de sua própria língua, a Libras – para se comunicar e interagir e, por isso, acaba ficando isolado e às margens das relações sociais. Nader (2011) relata – a partir da fala de familiares acerca de seus filhos surdos – sobre o desinteresse pela escola de ouvintes, a falta de compreensão dos conceitos de tempo, de horário, dinheiro, programas de televisão, brincadeiras, jogos, política, de questões abstratas, como a morte, sobre Deus e sentimentos, como amor.

Além da falta de conhecimento da língua de sinais pelos pais, fica evidente a ausência do Estado em proporcionar condições de o surdo – por meio de programas de acompanhamento, curso de libras, escolas com professores preparados – aprender a língua de sinais. É provável que, na ausência do Estado, o acesso à língua de sinais seja precarizado ou não exista, prejudicando substancialmente o desenvolvimento cognitivo do surdo.

Nenhuma pessoa surda deve ser impedida de aprender a língua de sinais. É muito importante que a criança surda tenha contato com o adulto surdo, pois esse serve de modelo linguístico, ajuda a construir a identidade surda, apresenta as regras da língua à criança, ensina

e inspira a comunicação por meio da língua de sinais. A criança identifica-se com o adulto surdo, compreendendo a diferença entre surdo e ouvinte. Assim, também, como o professor surdo, que coloca a língua em funcionamento, a criança se identifica com os iguais, se desenvolve e promove a inclusão (GIAMMELARO; GESUELI; SILVA, 2013).

Considerações Finais

Os fundamentos da teoria histórico-cultural demonstram que a aquisição de uma língua está pautada diretamente no aspecto fundamental da sociedade, a relação entre indivíduos, cujo papel é fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas superiores como forma de avançar do ser biológico, o qual, no movimento de superação, evolui para ser social por meio da aquisição da língua e das relações sociais. Esse processo ocorre de forma contínua a partir do nascimento e se estende por toda a vida do sujeito, mediado pelo outro, por meio da língua. A interrupção desse processo ou ausência da língua limita qualquer pessoa – surdo ou ouvinte – à não superação do ser biológico.

O desenvolvimento cognitivo da criança surda ocorre com maior intensidade quando os pais dominam a língua de sinais, fato evidenciado nos casos de filhos surdos de pais surdos. Nesse caso, a língua de sinais está presente desde o nascimento e a criança se desenvolve de forma análoga aos ouvintes, sem perdas. Muitos(as) autores(as), como Pizzio e Quadros (2011), Quadros (2019), Strobel (2018), Alves (2019), Gesueli (2006) e Andrade e Alencar (2017), afirmam que, quando a criança surda nasce em família de pais ouvintes, a chance de ela adquirir a língua de sinais tardiamente é enorme. Tal evidência é importante para se pensar em estratégias políticas, educacionais e na urgência de investimentos massivos na educação. Ou seja, a educação, de forma ampla, precisa de governos comprometidos, atuantes e presentes.

Mesmo quando existe aceitação da língua de sinais e interesse dos pais em aprendê-la, eles esbarram em limitações, como a falta de informações sobre essa língua. Essa situação é semelhante na vida de milhares de surdos que têm acesso à língua de sinais de forma tardia, ficando, durante esse período, vagando entre escolas ouvintistas e médicos que tratam a surdez como patologia; muitas vezes, profissionais da saúde sequer cogitam a possibilidade do ensino de libras como forma de comunicação entre pais e filhos surdos. Pessoas surdas, que não adquirem a língua de sinais, ficam à margem da sociedade, não acessam a cultura, a política e o conhecimento historicamente acumulados, e têm maiores dificuldades na escola,

Aquisição tardia da Libras e teoria histórico-cultural: a educação e a inclusão de surdos

em conseguir trabalho, em entrar na universidade, em constituir uma identidade etc.

A aquisição tardia da libras precisa ser pensada como um problema linguístico/educacional grave, tal qual problemas de segurança e saúde pública, pois se referem à vida de pessoas. Os pais, ao receberem a notícia de que são pais de uma criança surda, deveriam ser encaminhados a uma rede de apoio e informações ofertada pelo Estado, de forma gratuita, com profissionais conhecedores da libras e da cultura surda. Ademais, quando o filho ingressar na escola, deve encontrar profissionais surdos e professores com formação adequada para realizar um projeto de inclusão de alunos surdos, pois todas essas ações reduziram a possibilidade de preconceito com relação à surdez e, conseqüentemente, seus efeitos negativos para a vida do surdo.

A ausência do Estado, a luta de classes e as disputas entre grupos geram tensões aos processos de humanização e alienação, discutidos por Marx e que fundamentam a teoria histórico-cultural, conforme propõe Vigotski, ao tratar sobre a educação como meio fundamental para a humanização e para a superação da alienação humana. Essa tensão entre classes sociais, apresentada pela literatura marxista, pode ser entendida de forma análoga, no campo da surdez, como a tensão entre línguas orais e língua de sinais, em que a alienação ocorre ao criar-se barreiras para o acesso à língua de sinais, bem como na imposição, domínio de uma língua sobre a outra e, conseqüentemente, na falta de inclusão.

O processo de desenvolvimento que ocorre de forma dialética com o ser humano que interage com o outro e com o meio material, inicialmente no cerne da família e, posteriormente, na escola e na sociedade, no caso da pessoa surda, é comprometido pela ausência de uma língua que limita essa pessoa na possibilidade de se apropriar do conhecimento, marginalizando-a.

A aquisição tardia da libras é um assunto que deve ser amplamente debatido para que a inclusão da pessoa surda ocorra, no entanto, outros inúmeros problemas também precisam ser pensados, como: a falta de intérprete, de material adaptado no meio escolar, de professores surdos, em especial no período da Educação Infantil e na alfabetização de alunos surdos, o reconhecimento da cultura e da língua de sinais, a escassez de cursos de formação de professores, especialmente professores de Atendimento Educacional Especializado para atuação na área da surdez, carência de cursos de libras oferecidos para a comunidade em geral, entre tantas outras ausências que dificultam a vida do surdo e geram nele um sentimento de inferioridade, caminho para levá-lo à exclusão.

Referências

ANDRADE, Aline Nunes; ALENCAR, Heloisa Moulin de. Aspectos da identidade de surdos no âmbito da formação superior. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 58, p. 471-484, maio/ago. 2017.

ALVES, Sirlara Donato Assunção Wandenkolk. **Elsa surda em uma aventura da linguagem: a trajetória linguística de uma criança surda em processo de aquisição tardia da libras**. 2019. 171f. Dissertação (Mestrado em Magister Scientiae) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2019.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais de Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. 9. Ed. Tradução de Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 1999.

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádía Maria Ribeiro. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 2, p. 327-336, maio/ago. 2003.

CHAGAS, Julia Chamusca; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Patologização e Medicalização da Educação Superior. **Psic.: Teor. E Pesq.**, v. 32, n. esp., p. 1-10, 2016.

BRASIL. **Lei nº 14.141/2021, de 03 de setembro de 2021**. Diário Oficial da União. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>. Acesso em: 22 maio 2022.

BANKS-LEITE, Luci; GALVÃO, Izabel; DAINÉZ, Débora. (Eds.). **O garoto selvagem e o Dr. Jean Itard: história e diálogos contemporâneos**. Campinas: Mercado de Letras, 2017. 282 p.

DALA SANTA, Fernando; BARONI, Vivian. As raízes marxistas do pensamento de Vigotski: contribuições teóricas para a psicologia-histórico-cultural. **Kínesis**, v. VI, n. 12, p. 1-16, dez. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Nova Edição Revista e Ampliada. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GESUELI, Zilda Maria. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr. 2006.

GIAMMELARO, Cíntia Najla Fahl; GESUELI, Zilda Maria; SILVA, Ivani Rodrigues. A relação sujeito/linguagem na construção da identidade surda. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 509-527, abr./jun. 2013.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

Aquisição tardia da Libras e teoria histórico-cultural: a educação e a inclusão de surdos

- LIMA JÚNIOR, Ronaldo Manguiera. A Hipótese do Período Crítico na Aquisição de Língua Materna. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, v. 7, n. 9, p. 225-239, 2013.
- LUIS, Carlos Rafael. O homem natural e a revolução iluminista: linguagem e semiótica em Jean Itard. In: BANKS-LEITE, Luci; GALVÃO, Izabel (Orgs.). **A educação de um selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 39-56.
- LURIA, Alexandr Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. São Paulo: Ícone, 1990.
- LURIA, Alexandr Romanovich. Vigotskii. In: VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Gem Ícone, 1988.
- MARTINS, Linair Moura Barros. Constituição identitária da aquisição tardia da língua de sinais. Dossiê – Relatos de Experiência. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal (Cadernos RCC#12)**, Brasília-DF, v. 5, n. 1, p. 250-254, mar. 2018.
- NADER, Júlia Maria Vieira. **Aquisição tardia de uma língua e seus efeitos sobre o desenvolvimento cognitivo dos surdos**. 2011. 156f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- NADER, Júlia Maria Vieira; NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo. **ESTUDOS LINGUÍSTICOS**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 929-943, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1351/893>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- PINO, Angel. O social e o cultural na obra de Vigotski. In: Vigotski – O Manuscrito de 1929 – Temas sobre a Constituição Cultural do Homem, Educação & Sociedade. **Revista Quadrimestral de Ciência da Educação**, n. esp. 71, 2. ed., ano XXI, jul. 2000.
- PIZZIO, Aline Lemos; QUADROS, Ronice Müller de. **Centro de Comunicação e Expressão**. Aquisição da Língua de Sinais. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2011. (Apostila). Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto_Base_Aquisi_o_de_L_inguas_de_sinais_. Acesso em: 25 out. 2021.
- QUADROS, Ronice Müller de. **LIBRAS**. (Linguística para o ensino superior). 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOOP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira** [recurso eletrônico]: Estudos Linguísticos. - Dados eletrônicos. - Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 2007.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima da. Consequências da Aquisição Tardia da Língua Brasileira de Sinais na Compreensão Leitora da Língua portuguesa, como Segunda Língua, em Sujeitos Surdos. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 21, n. 2, p. 275-288, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382115000200008>. Acesso em: 28 jun. 2021.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. 1. reimp. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Psicologia e pedagogia).

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Obras Completas – **Tomo cinco: Fundamentos de Defectologia**. / Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE); revisão da tradução por Guillermo Arias Beatón. Cascavel: EDUNIOESTE, 2019.

ZILIO, Virgínia Maria. **A Língua Surda**. In: LOPES, Maura Corsini (Org.) & colaboradores. Cultura Surda & Libras. Coleção EaD. Editora UNISINOS, 2012.

Sobre os autores

Lindomar Lindolfo Steffen

Mestre em Educação (UNIOESTE). Docente de AEE no Programa de Educação Especial (UNIOESTE – Campus Cascavel – PR). Graduado em História e Filosofia – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Graduado em Letra-Libras (Uniasselvi). Especialização em Libras – (UNINTESE). Especialização em Educação Especial e Inclusiva na Perspectiva Histórico-Cultural (Inst. Saber) – Intérprete de Libras – UTFPR. E-mail: lindomaro4@hotmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0245-9603>.

Jane Peruzo Iacono

Doutora em Letras e Mestre em Educação. Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Membro do Programa de Educação Especial – PEE e dos Grupos de Pesquisa Aprendizagem e Ação Docente (GPAAD) e Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Especial (GEPEE) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: janeperuzo@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3285-2411>.

Recebido em: 30/09/2022

Aceito para publicação em: 05/07/2023